

RESUMO

A realização deste estudo tem o objetivo de discutir sobre aspectos da inclusão de jovens em projeto socioeducativo de escola localizada em região periférica de município piauiense relacionando pertencimento, protagonismo juvenil e relações de gênero aos Direitos Humanos. A pesquisa aconteceu de 2012 a 2014 na Orquestra Jovem da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro”, agremiação criada pela Secretaria Municipal de Educação desse município como ação mediadora dos vários conflitos que a escola vivia (alta taxa de reprovação, evasão, indisciplina, desrespeito aos professores (as), aos colegas e a outras(os) agentes educativas(os), *bullying* entre outros). Nesse trabalho dialogamos com autoras(es) como: Abramo(1997), Carrano(2003), Dayrel(2009), Duarte Júnior(2006), Gomes(2011), Jordão(2012), Paiva(2002), Santos(2009), Viola e Zenaide(2010). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa do tipo descritiva analítica, utilizando técnicas de observação direta, entrevistas, estudo documental e análise de conteúdo. Os achados da pesquisa apontam que as(os) jovens utilizam formas próprias de enfrentamento dos conflitos e construção de ricos aprendizados em valores e Direitos Humanos, principalmente na Orquestra. Nesse contexto, consideramos a música estratégia pedagógica fundamental para a validação das posturas humanas que vêm emergindo na Escola e na Orquestra, além de se mostrar indispensável para a visibilidade dessas (es) jovens, antes anônimos(as) em sua própria condição de jovens pobres. A Orquestra transformou a rotina da escola e passou a ser o elemento mais importante dessa instituição, sendo motivo de orgulho para pais e mães. Razão que aproximou a família da escola promovendo o diálogo.

Palavras chave: Inclusão. Jovens. Relações de gênero. Direitos Humanos.

RESUMEN

La realización de este estudio tiene el objetivo de discutir sobre aspectos de inclusión de jóvenes en proyecto socioeducativo de escuela ubicada en región periférica del municipio piauiense relacionando pertenecimiento, protagonismo juvenil y relaciones de género a los Derechos Humanos. La investigación ocurrió de 2012 a 2014 en la Orquestra Joven de la Escuela “Padre Luís de Castro Brasileiro”, agremiación creada por la Secretaria Municipal de Educación de este municipio como acción mediadora de

los varios conflictos que la escuela vivía (alta tasa de reprobación, evasión, indisciplina, des respecto a los profesores (as), a los colegas e a otros (as) agentes educativos (as), *bullyng* entre otros. En esta investigación dialogamos con autores (as) como: Abramo (1997), Carrano (2003), Dayrel (2009), Duarte Júnior (2006), Gomes (2011), Jordão (2012), Paiva (2002), Santos (2009), Viola e Zenaide (2010). La metodología utilizada fue investigación cualitativa del tipo descriptiva analítica, utilizando técnicas de observación directa, entrevistas, estudio documental y análisis de contenido. Los hallados de la investigación apuntan que los (las) jóvenes utilizan formas propias de enfrentamiento de los conflictos y construcción de ricos aprendizajes en valores y Derechos Humanos, principalmente en la Orquesta. En este contexto, consideramos la música estrategia pedagógica fundamental para la validación de las posturas humanas que vienen emergiendo en la Escuela y en la Orquesta, además de mostrarse indispensable para la visibilidad de eses (as) jóvenes, antes anónimos (as) en su propia condición de jóvenes pobres. La Orquesta cambió la rutina de la escuela y se transformó en el elemento más importante de esta institución, siendo motivo de orgullo para padres y madres. Razón que aproximó la familia de la escuela promoviendo el diálogo.

Palabras clave: Inclusión. Jóvenes. Las relaciones de género. Derechos Humanos.

A INCLUSÃO DE JOVENS: DIALOGANDO COM AS RELAÇÕES DE GÊNERO E OS DIREITOS HUMANOS

Maria Dolores dos Santos Vieira-UFPI

doloresvieiraeduc@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A realização deste estudo tem o objetivo de discutir sobre aspectos da inclusão de jovens em projeto socioeducativo de escola localizada em região periférica de município piauiense relacionando pertencimento, protagonismo juvenil e relações de gênero aos Direitos Humanos. A pesquisa aconteceu de 2012 a 2014 na Orquestra Jovem da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro”, agremiação criada pela Secretaria Municipal de Educação desse município como ação mediadora dos vários conflitos que

a escola vivia (alta taxa de reprovação, evasão, indisciplina, desrespeito aos professores (as), aos colegas e a outras(os) agentes educativas(os), *bullying* entre outros). Nesse trabalho dialogamos com autoras(es) como: Abramo(1997), Carrano(2003), Dayrel(2009), Duarte Júnior(2006), Gomes(2011), Jordão(2012), Paiva(2002), Santos(2009), Viola e Zenaide(2010).

Iniciamos o trabalho levantando as condições socioeconômicas dos jovens musicistas que são discentes da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro”, sede da Orquestra da qual são integrantes. Podemos verificar que há uma variação nos níveis de pobreza: muitos são sobreviventes do Programa Bolsa-Família ou do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti).

COMPONDO A MELODIA DA CANÇÃO METODOLÓGICA

Utilizamos-nos para realização da pesquisa, a abordagem qualitativa que concebe as/os interlocutoras/es abordadas/os como copesquisadoras/es, seres históricos e culturais que são considerados atores e atrizes sociais de qualquer contexto social em que criam valores, significados, símbolos, e ressignificam todos esses elementos em suas realidades cotidianas, entre si e em contato com agentes externos ao seu meio de vivências (MELUCCI, 2005; CHIZZOTTI, 2010; MINAYO, 2012). O enfoque foi do método descritivo analítico, pois esse tipo de pesquisa tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2007).

As informações coletadas foram analisadas através da análise de conteúdo (Bardin,1977) que nos possibilitou o conjunto de instrumentos metodológicos que foram aplicados aos discursos falados ou escritos extremamente diversificados e essenciais para a maior compreensão dos eventos, das representações, da significação e dos sentidos apreendidos e evidenciados no corpo das informações captadas nos campos da investigação. Nesse trabalho utilizamos apenas informações coletadas por meio da entrevista aos jovens do público e da análise de publicações de um jornal sobre o projeto da Orquestra. Nessa ótica foram entrevistados quatro jovens do público sendo dois jovens homens e duas jovens mulheres. Nesse trabalho descreveremos uma fala de cada um(a) desses(as), além de algumas falas do maestro. Os critérios utilizados para a escolha dessas/es interlocutoras/es foi a faixa etária de 15 a 19 anos e o fato de serem fãs da Orquestra.

A MÚSICA VIVA DO PERTENCIMENTO E DO PROTAGONISMO JUVENIL

A Orquestra teve a missão de alcançar as juventudes, do ponto de vista da profissionalização, mas o que perguntamos é se, além disso, ela foi capaz de gerenciar as relações de gênero no seu conjunto, de efetivar a coeducação, oportunizando às integrantes e aos integrantes espaços de questionamento, de construção e reconstrução de ideias sobre essas relações. Essas projeções simbólicas desempenham importante papel, seja para a exclusão ou inclusão dessas juventudes.

“As mudanças nas posturas, em vários aspectos, são visíveis: têm autoestima positiva, estão mais disciplinados, espontâneos, mais autoconfiantes. Há a preocupação com o uso da linguagem culta quando falam em público, principalmente em ambientes sociais requintados, apresentam boas maneiras à mesa, antes inexistentes, sabem esperar a vez e dar a voz aos outros, desenvolveram a arte da escuta, estão mais acessíveis e interessados nos estudos.” (MAESTRO, 2012)

Jordão et al. (2012) acolhem essa afirmação quando reiteram que a música é o único lugar em que pode ser desenvolvido um comportamento e uma atitude, que é a escuta. Todas essas mudanças são importantes e acenam para outras possibilidades. Perseguindo essas prerrogativas é que insistimos na busca de outras alterações, que advogamos serem maiores do que quaisquer metamorfoses pessoais, pois implica em quebra de tabus, superação de estigmas e, acima de tudo, de investimentos reais na humanização do ser humano, traço que a sua inerência não consegue suplantar quando a humanidade está restrita apenas a uma forma de conceber o outro: o ser inferior. A Orquestra é espaço de representação mista, porém, pode não ser de participação mista, não da participação compreendida como fomento das igualdades de gênero.

Numa agremiação que trabalha o consenso da boa convivência, deveria essa ser construída na perspectiva das relações de gênero. Contudo, mesmo quando a organização hierárquica é em níveis de instrumentos, e nesses tocarão jovens homens e mulheres, precisamos valorizar essas pequenas ações, que fazem toda a diferença na formação dessas integrantes e desses integrantes da Orquestra. Se elas existem, consolidam-se em comportamentos, gestos, atitudes e práticas de relações de gênero que demonstram um conviver regado pelo respeito, pela solidariedade, pelo acolhimento e proximidade com as outras e os outros. Carrano (2003, p.29) enfatiza o papel do outro na construção da própria identidade:

O outro ocupa um papel constitutivo na formação da própria identidade pessoal, ao colocar o sujeito frente à presença da alteridade. A imagem de si é constituída sempre como uma referência social, externa ao indivíduo desde os primeiros momentos da vida humana. O processo de desenvolvimento da identidade sempre se refere a determinado sistema de delimitação, fazendo com que a realidade seja garantida pela presença e o relacionamento com os outros. Os relacionamentos colocam em jogo discursos e ações que produzem o espaço da aparência nas esferas públicas e privadas.

O alvo da questão é quem eram essas(es) jovens antes desse – “fazer parte de alguma coisa,” como se viam, como eram vistas(os), se eram escutadas(os), como eram escutadas(os)? Todo esse emaranhado de questões foi tecido sobre o qual nos debruçamos e com o qual procuramos tecer novas roupas que realmente vestissem as(os) jovens com os seus traços positivos mais marcantes, de forma a ocuparem o papel de protagonistas nos cenários descortinados, focando como esse pertencimento e protagonismo se acende nas práticas de relações de gênero entre elas(es) e outras(os) jovens do público.

O poder público tem agido naquilo que considera o foco, dentro de uma temporalidade e de um recorte social. Assim, há o tempo para os(as) meninos(as) de rua, agora na rua, para os(as) jovens usuários(as) de drogas, mudam-se os discursos, mas as ações permanecem na superfície dos problemas. Sobre protagonismo, Marcelo Rubens Paiva (2002) assevera que hoje os jovens desejam ser diferentes, pessoais e visíveis. Em outras palavras, o sucesso da ação por eles proposta está relacionada com a elevação de suas condições sociais, com o desejo de transformar sentimentos pessoais que sejam eficazes para a visibilidade da sua presença.

Somos defensoras da premissa de que pertencer à Orquestra foi a forma que essa(es) jovens encontraram de elaborarem e colocarem em prática novos jeitos de interferir e interagir com a realidade, relembramos que praticamente todas(os) as(os) jovens chegaram à Orquestra pela própria vontade, tendo inclusive de convencer pais, mães ou outro responsável por ela(e) dessa sua vontade.

Talvez, sem a devida consciência essa tenha sido também a maneira dessas juventudes lutarem por transformações para a realidade em que vivem as(os) jovens na maioria dos municípios brasileiros ausentes das políticas públicas, mesmo que esse

“querer pertencer”, que teve o alcance coletivo para esse grupo, não possa ser considerado uma luta dessas(es) jovens por transformações sociais. Como nos alerta Dubet (2006), citado por Dayrell e Ednilson (2009, p.170), “o dominado é chamado a ser mestre da sua identidade e de sua experiência social, enquanto é posto em situação de não poder realizar esse projeto”.

Numa realidade como a que abriga a Orquestra, formada, em sua maior parte, por jovens periféricas(os), de bairros pobres em que as perspectivas dominantes estabeleceram que as regiões urbanas populares fossem espaços de delinquência, de jovens desocupadas(os), estereis principalmente de produções artísticas, em que as poucas manifestações existentes não eram consideradas arte (grafite, funk, rap), a Orquestra desponta, ainda, sob duas fortes implicações: a primeira tem a ver com a elitização da Orquestra, enquanto instituição musical fomentadora de uma música que pode não ser aquela que as(os) jovens escutam, cantam, dançam no cotidiano.

A outra se relaciona com a escuta do público jovem acostumado a ver nessas(es) jovens musicistas as(os) consumidoras(es) dos estilos musicais aos quais elas(es) são adeptas(os), produzindo um outro tipo de som, antes não valorizado. Essas inquietações, ao que podemos notar, serviram para a consolidação de que essas(es) jovens estavam no caminho da protagonização, porque agora eram escutadas(os), através da música que outras gerações cultuavam, considerada de qualidade. Para melhor ilustrar o afirmado, trazemos a fala do Maestro ao Jornal Meio Norte (PI) entrevistado por Gomes (2011):

“Às vezes, colocamos os meninos para tocarem uma música, já falamos do compositor e todos acabam pesquisando sobre ele[..]. Esse é o reflexo da filosofia que ensinamos. O grupo precisa ter a banda como algo que pertence a eles. Tem que ter envolvimento com aquilo.”

A partir desse ponto de vista nos alicerçamos em Abramo (1997), quando diz que não é possível definir ou pré-fixar o papel da juventude como propulsor da mudança social, pois agir em contrário a essa linha de raciocínio seria considerar todos aqueles que não se mostrassem capazes de empreendimentos de transformações (alienados, apáticos), principalmente se não fossem capazes de efetuar essas mudanças segundo o que é adequado. Analisamos a atuação dessas(es) jovens na visão da parceria que, neste caso, representa da parte das(os) integrantes da Orquestra, a necessidade da valorização

de uma nova participação juvenil, a necessidade de ser vista(o), de ser escutada(o), enfim, ter visibilidade integral.

A atitude de reconhecimento do potencial humano individual e coletivo das(os) jovens da Orquestra pelas(os) jovens do público é uma ação intersubjuntiva, um valor. É um processo de construção e de conquista dentro dos esquemas de saber e de poder juvenis, assinalando as lutas individuais e coletivas em prol do protagonismo dessas(es) jovens. Ser jovem do público da Orquestra traz um fortalecimento mútuo entre esses sujeitos, acende expectativas de alcançar as mudanças desejadas para si e para outros jovens. Isso permite que se desenvolva nelas(es), mesmo diferentemente daquelas(es) que integram a Orquestra, outro sentimento de pertença, que é o de pertencer à juventude, que agora tem lugar, tem poder, esse é a(o) jovem que a(o) jovem quer ser. Para enriquecer ainda mais essas reflexões descrevemos duas respostas das(os) jovens do público sobre a sua relação com a Orquestra, o que explicita algumas questões suscitadas nessa pesquisa:

“Eu me lembro de algumas meninas e de alguns meninos, eles não eram assim estudiosos não, também não tinham boa fama na escola. Tinha uma que parece homem, caçava conversa demais com todo mundo. Agora eu só vejo ela tocando, mudou demais. Ela é uma das que mais toca, até quando tem aniversário dos amigos dela, ela toca. Eu não tenho vergonha de dizer, não, eu sou fã da Orquestra, e tenho orgulho de ver esses jovens fazendo tanto sucesso. Mesmo com a Orquestra parada agora, tem uns que continuam na ativa e parece que a Orquestra vai voltar e vai poder entrar mais gente, eu ouvi falar.” (JOVEM MULHER DO PÚBLICO, 2013)

“Eu conheço quase todo mundo da Orquestra, tem gente que é do meu bairro, por isso eu posso dizer que o sucesso é merecido, porque são jovens esforçados que lutaram muito para chegar aonde chegaram. Eles ensaiavam muito e aprenderam em pouco tempo. Hoje são quase profissionais, têm uns que estão tocando na Banda Municipal, porque a Orquestra tá parada desde o ano passado. A Orquestra é um orgulho para nós jovens, mostra que nós somos capazes de fazer coisas boas, que nós temos talentos.” (JOVEM HOMEM DO PÚBLICO, 2013)

Sob os efeitos desses registros tão ricos e marcados por tantas subjetividades, concordamos com o que afirma Ana Patrícia Santos (2009) sobre projetos que procuram

alternativas para contribuir para a formação integral de participantes caracterizados como “vítimas de exclusão social”, cuja trajetória é marcada pelo trabalho infantil e evasão escolar. Trata-se, em conformidade com essa autora, de uma intervenção social guiada por duas ideias que se vinculam aos seus desdobramentos: tudo passa pela educação e a arte “abre horizontes” (grifos da autora). Nessas reflexões assinalamos a necessidade que percebemos dessas(es) jovens do público da Orquestra em arregimentar-se de motivações ancoradas na necessidade de produzir o reconhecimento das(os) outras(os) jovens para também se verem com possibilidades de autorrealização.

OS DIREITOS HUMANOS: HARMONIZANDO A INCLUSÃO

Os direitos humanos estão na sociedade em tudo o que ela faz. Mas, vêm sendo compreendidos aos poucos, ao longo da História, por gerações e gerações de homens e mulheres que lutaram por seus direitos. Nesse sentido, sentimos a necessidade fremente em dizer de quais Direitos humanos nós estamos falando, porque essa expressão é muito usada pelos meios de comunicação. Mas, são poucas as pessoas que sabem o seu verdadeiro significado e, principalmente, que têm de fato esses direitos respeitados (VIOLA E ZENAIDE, 2010).

Ao abordarmos os Direitos Humanos neste trabalho, tivemos a pretensão de analisar se as práticas educativas da escola e da Orquestra contribuíam para o respeito ou desrespeito a esses Direitos, a partir do ponto de vista das práticas de relações de gênero entre as(os) integrantes da Orquestra, e também discentes da escola, através de lutas pelo poder ou negação deste no interior dessas instituições, enquanto coletivos sociais pensados para o enfrentamento das formas de opressão que mais acometem principalmente jovens. Ocorreu-nos que a Orquestra pudesse ser instrumento de proteção e defesa dessas(es) jovens, atuando na prevenção e no plano das mentalidades, de modo a produzir nova cultura de Direitos Humanos.

PARTITURAS EM CONSTRUÇÃO: PARA FINALIZAR O CONCERTO

Pelas informações coletadas e pelas interpretações a que elas nos levaram, pertencer à Orquestra significou para essas(es) jovens uma oportunidade de mudar as suas vidas. Fazer parte nos pareceu, pela escuta sensível a todas(os) as(os) interlocutoras(es), passar a ser alguém “socialmente”, alguém com um poder

reconhecido, o poder de tocar um instrumento musical. Ao ouvir as(os) próprias(os) jovens percebemos que elas(es) se sentiam o próprio instrumento. Eram elas(es) a música que tocavam, por isso alcançavam o mundo que vinha negando a elas(es) o lugar do protagonismo.

A música foi apontada nesse trabalho como parte da própria vida dessas(es) jovens. Ainda em relação à música, ela transformou a rotina da escola e a Orquestra passou a ser o elemento mais importante dessa instituição, sendo motivo de orgulho para muitos(as) pais e mães. Razão que aproximou a família da escola e promoveu o diálogo tão necessário para educar o sensível (DUARTE JÚNIOR, 2006).

Portanto, compreendemos que para as(os) musicistas, conviver nessas ambiências investigadas e em meio a concepções de relações de gênero arraigadas de preconceitos e papéis convencionados para cada sexo, pode dificultar uma convivência pautada no respeito aos Direitos Humanos, conteúdos inseparáveis dessas relações. As transformações emergentes podem ser apenas superficiais, se não forem solidificadas em consciência da valoração da(o) outra(o) como ser humano, independente do seu sexo. Somente uma formação capaz de promover a educação não sexista promoverá essas práticas baseadas na equidade de gênero e na inclusão social dessas(es) jovens.

REFERÊNCIA

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização juventude no Brasil. In: PERALVA, Angelina; SPÓSITO, Marília Pontes (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.5. p.25, mai/ago. 1997.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Paris: Universidade de France, 1997.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DAYREL, Juarez, EDNILSON, Rodrigo. Edukators: novas visibilidades da juventude contemporânea. IN: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro, LOPES, José de Sousa Miguel, DAYREL, Juarez. (Orgs.). **A juventude vai ao cinema**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Cinema, Cultura e Educação).

- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª Ed. – 8ª Reimp. – São Paulo: Atlas, 2007.
- GOMES, Raimundo. **Banda inclui crianças e vai criar orquestra.** Jornal Meio norte, Teresina, 10 de abril de 2011.
- JORDÃO, G. et al. **A música na escola.** São Paulo: Alluci e Associados Comunicações, 2012.
- MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva: Pesquisa Qualitativa e Cultura.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- PAIVA, Marcelo Rubens. Cultura e participação: Juventude e mobilização. In: ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude em debate.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTOS, Ana Patrícia. Arte e as artes no sócio-cultural: estudo das ações e representações em ONGS mineiras. In: BARROS, José Márcio (Org.). **As mediações da cultura: arte, processo e cidadania.** Belo Horizonte: Ed. DUC Minas, 2009.
- VIOLA, Solon Eduardo Annes; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. A produção histórica dos Direitos Humanos. In: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares; DIAS, Adelaide Alves Dias (orgs.). **Direitos Humanos na Educação Superior: Subsídios para a Educação em Direitos Humanos na Pedagogia.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.